

# Consoantes róticas e variação no português de São Tomé<sup>1</sup>

Rodrigo Pereira, Tjerk Hagemeijer, Maria João Freitas

Universidade de Lisboa, FLUL, CLUL

## Abstract:

We investigate the phonetic variants associated with European Portuguese's rhotic phonemes /ʀ/ e /r/ in Santomean Portuguese, a variety that presently constitutes the L1 of the majority of San Tomeans, and we discuss the linguistic and sociolinguistic variables that underlie the observed variation. In order to do so, we carried out phonetic transcription of excerpts from 9 spontaneous interviews with Santomean informants, who were recorded in San Tome in 2008 and 2012. The data were transcribed with the *EXMARaLDA Partitur* software, counted manually, and linguistically analysed. The findings were confronted with recent studies on rhotics in this variety. Our data confirm that the neutralization of the distinction between /ʀ/ and /r/ is a tendency stabilizing in the younger age groups of the urban population of São Tomé (cf. Bouchard, 2017). In light of the overall results, we further propose that São Tomean Portuguese lacks a phonological distinction between /ʀ/ and /r/ (cf. Brandão, 2016; Brandão *et al.*, no prelo).

**Keywords:** Santomean Portuguese, rhotic consonants, neutralization of /ʀ/ and /r/, variation

**Palavras-chave:** Português de São Tomé, consoantes róticas, neutralização de /ʀ/ e /r/, variação

## 1. Introdução

Este estudo tem como objetivo central contribuir para o conhecimento do inventário segmental da variedade do português de São Tomé (PST), uma variedade que é atualmente falada por 98,4% da população são-tomense como L1 ou L2 (RPGH 2014). O português de São Tomé tem vindo a emergir como variedade L1, mas que apresenta uma instabilidade típica de contextos de contacto linguístico e de processos de mudança de L2 para L1. Uma vez que a variedade de S. Tomé e Príncipe segue a norma do português europeu (PE), partiremos da descrição da fonologia do PE para descrever os comportamentos verbais dos falantes observados. Em primeiro lugar, será feita uma breve caracterização da classe de sons róticos, nomeadamente no que se refere às variantes fonéticas associadas a estes sons no PE. Na secção 2 apresenta-se a metodologia utilizada para estudar as variantes fonéticas associadas ao discurso oral espontâneo de informantes do PST, tendo como variáveis dependentes fatores sociolinguísticos. Na secção 3 far-se-á uma descrição dos dados do PST. Por fim, na secção 4, discutir-se-ão os resultados, com o objetivo de refletir sobre a variação fonética observada. Como principal pressuposto teórico-metodológico, seguiremos, neste trabalho, a sociolinguística variacionista, no âmbito da qual se assume que a variação "pode constituir um estágio de um processo de mudança em curso" (Lucchesi & Ribeiro, 2009).

### 1.1. Sons róticos e a sua descrição no português

As consoantes "róticas", sons róticos ou sons-R são uma classe de consoantes fonológicas líquidas, soantes, representadas tipicamente por grafemas relacionados com a letra "R" no alfabeto latino ou suas

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (UID/LIN/00214/2013).



correspondentes noutros sistemas alfabéticos. É uma classe de sons foneticamente variados, que inclui, em termos de modo de articulação, variantes alofônicas vibrantes, mas também fricativas e aproximantes, e, em termos de ponto de articulação, tanto consoantes anteriores como posteriores. Os róticos ocorrem em cerca de 75% das línguas do mundo (Lindau, 1985 *apud* Brandão *et al.*, no prelo). A classe natural dos sons "róticos" compreende uma variedade muito heterogênea de sons, sendo muito variada foneticamente nas línguas do mundo (Ladefoged & Maddieson, 1996). Segundo os mesmos autores, as fricativas róticas (e.g. [ʁ, ʁ̥]) ocorrem em apenas 3,5% das línguas do mundo.

Bonet & Mascaró (1997) afirmam que, para as principais línguas ibéricas – o português, o castelhano e o catalão –, a vibrante múltipla ocorre em posição inicial de palavra, em ataque medial depois de uma consoante lateral, nasal, e fricativa em coda, enquanto a vibrante simples ocorre também na segunda posição de um ataque ramificado. Assumem, portanto, que existem dois fonemas: uma vibrante múltipla e uma simples em contraste intervocálico, e que o segmento não marcado corresponde à vibrante múltipla e o marcado à vibrante simples. Os seus argumentos baseiam-se na escala de sonoridade, em função da qual se atribui à vibrante simples um maior valor de sonoridade do que à múltipla, melhor satisfazendo a estrutura silábica de acordo com o princípio da dispersão e os seus valores de complexidade. A vibrante múltipla será o caso não marcado, porque ocorre, generalizando, sempre em posição inicial de sílaba; só o contexto intervocálico permite distinguir os dois fonemas. No caso do PE, análises diferentes sobre a representação das róticas têm sido assumidas na literatura (Mateus & d'Andrade, 2000; Mateus *et al.* 2003). No presente trabalho, dado o contraste fonológico em posição intervocálica, partiremos da proposta tradicional de dois segmentos fonológicos róticos para o PE: /ʁ/ e /r/.

No português europeu (PE), os sons róticos são tradicionalmente classificados como vibrantes: a vibrante múltipla uvular (/ʁ/) e a vibrante simples alveolar (/r/) (Mateus *et al.*, 2003). Segundo estes autores, ambos os segmentos têm uma distribuição complementar, sendo que o segmento /r/ ocorre em coda, como segundo elemento de um ataque ramificado, ou em ataque não ramificado em posição medial de palavra; por seu lado, /ʁ/ ocorre em ataque não ramificado no início de palavra e em posição medial de palavra. Mateus & d'Andrade (2000) descrevem que a vibrante múltipla uvular [ʁ] está em variação livre com duas outras variantes posteriores no PE, as fricativas uvulares sonora [ʁ̥] e surda [ʁ̥̥]. Na sequência de Rennie & Martins (2012), refira-se que, segundo Barbosa (1983) e Teyssier (1984), a fricativa velar surda [x] seria a principal variante posterior de /ʁ/ e a vibrante múltipla alveolar [r] seria mais comum noutros dialetos que não o padrão. No PE, o [r] evoluiu historicamente para /ʁ/ e terá passado por um processo de posteriorização a partir do século XIX. Segundo Barbosa (1965), a fricativa velar surda seria uma pronúncia emergente na geração mais jovem, na variedade padrão do PE. Veloso (2015), citando Viana (1883, 1903), afirma que, no final do século XIX, a vibrante múltipla uvular [ʁ] se tornou frequente e começaria a substituir a tradicional vibrante múltipla alveolar [r].

No português do Brasil, o processo de posteriorização avançou ainda mais, sendo a fricativa glotal surda - [h] - o principal alofone de /ʁ/ (Callou, Leite & Moraes, 2002, *apud* Rennie & Martins, 2012).

No estudo de Rennie & Martins (2012), foram analisadas gravações do arquivo dialetal do Centro de Linguística da Universidade do Porto, tomando registos orais de Portugal continental, mas com maior incidência no norte do país. A partir de uma amostra de 55 indivíduos, conclui-se que as variantes alofônicas de /ʁ/ são, por ordem decrescente de ocorrência: a fricativa uvular sonora [ʁ̥], com 76% de ocorrência, a fricativa uvular surda [ʁ̥̥], com 4% de ocorrência, a fricativa velar surda [x], com 16%, a vibrante múltipla alveolar [r] e a vibrante múltipla uvular [ʁ], ambas com 11% de ocorrência no *corpus*. Não se registaram falantes que usassem mais de duas variantes fonéticas de /ʁ/, 58% realizou um alofone posterior, e as combinações mais frequentes foram de alofones posteriores com outros posteriores (30% de ocorrências). Apenas 7% combinaram um alofone posterior (mas nunca [ʁ]) com um anterior (ou seja [r]), o que sugere, segundo os mesmos autores, que, para estes últimos falantes, não ocorreu a fase intermediária de evolução



([r]→[ʀ]→[ʁ], [χ], [x]). Os mesmos autores sugerem, portanto, neste caso em particular, que as variantes posteriores sejam variantes de "prestígio" emprestadas diretamente do PE padrão e levantam também a hipótese de que [r] seja um fone utilizado com fins enfáticos no discurso.

O /ʀ/ tem evoluído para formatos fonéticos que o afastam da classe das consoantes [+soante]. Rennieke & Martins (2012) citam ainda Jesus & Shadle (2005), os quais descrevem o fone [ɾ̥], nomeado como *voiceless tapped alveolar fricative*, como alofone tanto de /ʀ/ (provavelmente associado à variante [r]) como de /r/ no PE. Rodrigues (2015), num estudo acústico com base em falantes algarvios, lista como variantes alofónicas de /ʀ/ os segmentos [ʁ] e [χ] ambos com 46% de ocorrência, e [ʀ] com 8% de ocorrência; como variantes de /r/, foram descritos como alofones mais frequentes os segmentos [ɾ] (35%), [ɹ] (25%), entre outras variantes, destacando-se [r] com apenas 2%, apesar de ser a forma canónica.

Para o português do Brasil (PB), Miranda (1996) apresenta dados de aquisição de L1 que sustentam a hipótese de dois fonemas róticos para esta variedade, r-forte e o r-fraco<sup>2</sup>, sendo o primeiro adquirido mais precocemente, à imagem do que sucede no PE (Costa, 2010). Segundo Noll (2008), no PB os dois fonemas róticos sofreram um processo de posteriorização e neutralização em ataque não ramificado em início de palavra e em coda silábica. Nesta variedade os dois sons róticos são neutralizados na coda silábica (Rennieke, 2015). A distribuição dos róticos costuma estar associada a fatores sociolinguísticos, o que se observa no PB, nomeadamente nas variáveis como *localização geográfica* e *classe socioeconómica* (cf. Bisol, 2005).

No português de Moçambique, outra variedade emergente do português em África, há indícios de que também está em curso uma mudança a favor da neutralização das vibrantes do PE /ʀ/ e /r/, com a generalização de [r] a todos os contextos. Este fenómeno observa-se sobretudo em falantes de português L2 com menos de 35 anos e na classe dos verbos em detrimento dos nomes (Brandão & Paula, 2017).

## 1.2. O português de São Tomé

Depois de ter sido, durante séculos, uma ilha essencialmente crioulofalante, o português em São Tomé começou a consolidar-se gradualmente como L2 e, posteriormente, como L1, a partir da instituição do regime de contrato, na segunda metade do século XIX, que resultou na importação maciça de trabalhadores (serviçais) de outras colónias portuguesas, especialmente de Angola, Cabo Verde e Moçambique, para satisfazer a necessidade de mão-de-obra para as culturas de cacau e café depois da abolição da escravatura (Hagemeijer, no prelo). O modelo linguístico para os contratados, que eram falantes L1 do cabo-verdiano e de línguas bantas, era sobretudo o português, que funcionava como língua franca nas empresas agrícolas. A menor exposição ao crioulo (forro) deve-se ao facto de existir uma clara segregação entre os contratados e os forros. Houve ainda, ao longo do século XX, tentativas do regime colonial em proibir os crioulos, o que resultou, entre outros, numa proibição parental de os filhos falarem crioulo (Bouchard, 2017). A mudança do português para os crioulos e a nativização do português foram intensificadas a partir da independência do país, com o acesso generalizado à educação em português, a maior mobilidade social e a ausência de políticas linguísticas a favor dos crioulos (Gonçalves & Hagemeijer, 2015; Hagemeijer, Gonçalves & Afonso, no prelo). Estas mudanças que se foram operando na sociedade são-tomense refletem-se na variação observada nas diferentes áreas da gramática do PST (e.g. Bouchard, 2017; Brandão, 2016; Brandão *et al.*, no prelo; Gonçalves, 2010, 2012, 2016).

Dado o contacto histórico entre o português de São Tomé e, particularmente, o forro (crioulo de São Tomé), pode revelar-se necessária a colocação da hipótese de contacto, nomeadamente a nível fonético-fonológico, pelo que apresentamos, de seguida, o funcionamento das consoantes líquidas, mais propriamente, as róticas, nesta língua. O crioulo de São Tomé (CST) não possui segmentos róticos fonológicos, observando-se a ausência de /ʀ/ e de /r/ (Ferraz 1979). As consoantes róticas do português seiscentista passaram a [l],

<sup>2</sup> A autora refere-se a *r-forte* para o fonema /ʀ/ e a *r-fraco* para o fonema /r/.



foram apagadas ou semivocalizadas para [j] no CST. Segundo o mesmo autor, é possível encontrar o fone [r] em empréstimos recentes devido ao contacto com o português de São Tomé, como em "caro" ['karu], ou em coda, como em "arte" ['artʃi]. Também [r], a vibrante múltipla alveolar, tem vindo a crescer em ocorrência no CST. Esta tendência de variação em determinados itens lexicais é confirmada por Araújo (2007), referindo-se que não parece existir distinção fonológica entre as vibrantes e as laterais.

Apesar de ainda relativamente escassa, a produção sobre a variedade são-tomense tem vindo a aumentar.<sup>3</sup> Veloso (2015), numa nota de rodapé, indica que, ao invés da lenição exibida pelas variedades portuguesa e brasileira do português (as quais, diacronicamente, transformaram as vibrantes em fricativas, *grosso modo*), a variedade são-tomense do português apresenta a tendência oposta - a fortificação - das vibrantes simples alveolares para vibrantes uvulares. Note-se que algumas variedades faladas na cidade portuguesa de Setúbal apresentam este fenómeno de neutralização de /r/ e /r/, favorecendo apenas uma rótica, [ʀ] (Veloso, 2015).

Num estudo de Brandão *et al.* (no prelo), parte-se da hipótese de que a instabilidade e variação observadas nas produções dos róticos no PST decorre "de um processo de aquisição defetiva das normas do PE" em parte devido à influência do forro<sup>4</sup>, já que essa língua não apresenta consoantes róticas fonemicamente. Neste estudo foram analisados 18 falantes<sup>5</sup>, verificando-se que o fonema /r/ pode ser realizado no PST como vibrante [r] (o mais frequente), [r], [ʀ] ou como fricativa uvular sonora [ʀ]. Em início de palavra, o alofone [r] foi registado como o mais frequente, sendo a vibrante múltipla [r] o segundo mais frequente. Quanto ao fonema /r/, este apresenta como alofone também o [r], com 92,3% das ocorrências. Em ataque ramificado, o [r] foi o mais frequente (84,9%), seguido de apagamentos (12,1%) e de outras variantes (3%). Para /r/ em início de palavra e intervocálico, as produções foram [r] com 58,4% e 59%, respetivamente, o que indica a perda de distinção fonémica entre /r/~r/ e /r/, embora a escolha recaia neste caso sobre [r] e não sobre uma variante uvular. Relativamente aos fatores *faixa etária* e *nível de escolaridade*, observou-se que o uso de [r] em início de palavra foi mais frequente em falantes com o ensino médio (ensino secundário em Portugal) e entre os 36 e os 55 anos, e em falantes com o ensino fundamental (ensino básico em Portugal) entre os 18 e os 35 anos. O uso da vibrante simples alveolar naquele contexto foi menos frequente em falantes de faixas etárias mais elevadas e com mais instrução.

Quanto ao /r/ em coda silábica, os dados de Brandão *et al.* (no prelo) são os seguintes:

	Coda interna <sup>6</sup>	Coda externa
[r]	77,4%	52,8%
[r]	6,4%	0,9%
Apagamentos	11,2%	44,7%
Outras variantes	5%	1,6%

Tabela 1. Resumo dos dados de Brandão *et al.* (no prelo) para /r/ em coda silábica

<sup>3</sup> Ver a bibliografia da Cátedra de Português Língua Segunda e Língua Estrangeira da Universidade Eduardo Mondlane em <http://catedraportugues.uem.mz/?target=variedades-nao-europeias>

<sup>4</sup> O forro é atualmente falado por pouco mais de 30% da população são-tomense, percentagem esta que já foi bastante superior no passado (ver Gonçalves & Hagemeijer 2015 para a evolução entre 1981 e 2012).

<sup>5</sup> De salientar que os falantes utilizados por Brandão *et al.* (no prelo) foram, em geral, de faixas etárias superiores, o que pode explicar a discrepância dos seus dados comparativamente aos deste presente estudo.

<sup>6</sup> A autora utiliza os termos coda interna e externa para se referir a codas em posição interna de palavra em final de palavra, respetivamente.



Foram os falantes de nível fundamental de instrução os que mais realizaram apagamentos em coda (externa ou interna). Verificou-se também uma correlação entre o maior uso do forro e a não realização da vibrante simples alveolar em coda interna. Comparativamente, segundo Brandão, Mota & Cunha (2003), os apagamentos da vibrante simples alveolar em coda externa foram de 26% no PE (Lisboa) e de 78% no PB (Rio de Janeiro). No PST essa taxa de apagamentos foi de 43% (Brandão *et al.*, no prelo). No PE, outros valores de taxas de apagamentos foram já obtidos num estudo efetuado por Mateus & Rodrigues (2003), sendo apresentada uma taxa de apagamento de [r] de 36,3% - para formas verbais - e de 25,8% para nomes e um apagamento global de -r em coda de 13%.

Num outro estudo de Brandão (2016), concluiu-se que, onde no PE se esperaria [ʀ] ou [r] (as produções mais conservadora), no PST ocorre a vibrante simples alveolar [r], com 58%, a vibrante múltipla alveolar [ʀ], com 34%, registando-se 8% de outras variantes. A autora refere que tal se deve a um processo de aquisição irregular da norma do português, afirmando igualmente que este processo ocorre em falantes mais jovens e é mais comum em indivíduos que utilizam o forro mais frequentemente. Por outro lado, o estudo das consoantes róticas de Bouchard (2016), que descreve a variedade urbana do PST, refere que é utilizada, com neutralização, a fricativa uvular sonora [ʁ] em vez da vibrante simples alveolar (*alveolar flap*) [r] do PE padrão. Exemplos de dados seus incluem: [pʁofɛ'soʁɐ] em contraste com o português europeu padrão [pʁufi'soʁɐ].

Na sua investigação sobre róticas no PST, Bouchard (2017) concluiu que se trata de um dos aspetos que mais distinguem esta variedade de outras variedades do português. Num total de 56 falantes analisados, registou-se uma taxa de apagamentos de róticos<sup>7</sup> de 21,3%, a vibrante simples alveolar teve uma taxa de realização de 55,3%, as fricativas posteriores obtiveram 18,5% e outras vibrantes (de qualquer tipo) 4,9%. Registaram-se 79% de apagamentos em coda no final de palavra para o fonema /r/ (Bouchard 2017, pp. 243), sendo mais frequentes em faixas etárias abaixo dos 40 anos. Esta estratégia argumenta a favor da hipótese da preferência da estrutura silábica CV como forma de simplificação das codas. Na Tabela 1, abaixo, podemos ler os resultados de Bouchard (2017) para o uso da fricativa [ʁ] (independentemente do contexto) e a taxa de neutralização de /ʀ/ e /r/.

Faixa etária	Uso da fricativa [ʁ]	Taxa de neutralização de /ʀ/ e /r/
12-18 anos	87,6%	54,8%
20-29 anos	93,4%	51,4%
30-39 anos	69,2%	31,9%
40-49 anos	71,7%	18,5%
> 50 anos	2,7%	5,9%

Tabela 2. Resultados de Bouchard (2017) para o uso da fricativa [ʁ] e a taxa de neutralização de /ʀ/ e /r/

A mesma autora conclui que o uso robusto de fricativas posteriores para ambos os fonemas /ʀ/ e /r/ abaixo da faixa etária dos 40 anos é uma marca da identidade são-tomense que começou a desenvolver-se aquando da independência do país, ou seja, o maior uso de fricativas uvulares será uma inovação das últimas décadas, sendo, por isso, mais frequente nas gerações mais novas de são-tomenses e um fenómeno da classe média. É de assinalar, a este respeito, que 62,8% da população são-tomense tem menos de 24 anos e 65,1% da população reside em zonas urbanas (RGPH 2012), pelo que a variedade urbana de São Tomé, aquela em que ocorre a neutralização da oposição entre os dois fonemas róticos em maior grau, é a variedade prevalente.

<sup>7</sup> Estes apagamentos abrangem principalmente o som [r] do PE padrão em coda, nomeadamente em infinitivos verbais.



A motivação para o presente estudo prende-se com o facto de as realizações fonéticas associadas às róticas serem distintas do PE, corroborando tendências de variação fonética e de mudança gramatical observadas noutros domínios como na ditongação (Christofolletti 2013) e da realização das pretónicas (Rocha 2018). Neste sentido, dada a variação fonética associada às consoantes róticas, a questão da investigação que se coloca é a de saber se esta variação fonética se correlaciona com fatores de natureza sociolinguística. Assim, contribuiremos com evidência empírica adicional para a discussão sobre o estatuto destes segmentos no PST, refletindo sobre a produtividade das variáveis sociolinguísticas *faixa etária, escolaridade e perfil linguístico* (uso do forro). Para tal, descreveremos o comportamento verbal dos falantes observados relativamente aos alvos /R/ e /r/ nas diferentes posições silábicas possíveis no PE (ataque não ramificado, ataque ramificado e coda para /r/; ataque não ramificado par /R/). O presente artigo vem, portanto, contribuir para o conhecimento sobre as róticas em variedades menos estudadas, especialmente do ponto de vista da fonética e fonologia, trazendo novo conhecimento sobre a variação inerente às róticas, de um modo geral, nas línguas do mundo e, em particular, nesta variedade do português.

## 2. Metodologia

No decurso do nosso estudo foram completadas várias etapas. Transcreveram-se excertos de nove entrevistas, correspondentes a nove informantes, recolhidas no âmbito do projeto VAPOR (Variedades Africanas do Português) do CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa). As entrevistas, com produção oral espontânea, foram recolhidas em São Tomé e Príncipe em 2008 e em 2012. O processo de transcrição fonética fez-se com recurso a um programa informático ou *software* dedicado especialmente à transcrição, o *EXMARaLDA partitur*. Transcreveu-se, foneticamente, aproximadamente 1 hora total de excertos de entrevistas (mais precisamente 59 minutos e 43 segundos transcritos). Posteriormente, procedeu-se à construção de um *corpus* através de uma ferramenta informática relacionada, o *Exakt*, cuja função é a criação de *corpora* ou bases de dados linguísticas. Constituiu-se, assim, uma base de dados a partir da qual se procedeu à contagem manual dos sons róticos alvo presentes e a sua distribuição em termos de posição silábica, tendo em conta a distribuição das duas consoantes róticas no PE. Considerando o reduzido número de falantes utilizado na nossa amostragem e a variação individual detetada, optámos por incluir uma descrição da realização de róticos por informante, ilustrando a variação fonética significativa que caracteriza o comportamento dos falantes observados e refletindo sobre potenciais correlações entre esta variação e fatores de natureza sociolinguística, nomeadamente, a *faixa etária*, a *escolaridade* e o *perfil linguístico* (uso ou não do forro).

### 2.1 Descrição do *corpus*

Depois da fase de transcrição e da criação do *corpus* na ferramenta *Exakt*, procedeu-se à contagem de ocorrências de sons róticos. O *corpus* possui um total de 1526 *tokens* de sons róticos. Foram identificados 11 *types* de “R”, ou seja, realizações fonéticas diferentes, uma delas correspondendo a apagamentos. Existem 114 *tokens* para o alvo /R/ e 1412 *tokens* para o alvo /r/. Face a este número de ocorrências, procedeu-se à contagem manual de correspondências fonéticas relativamente às róticas. Excluíram-se todas as ocorrências da preposição “para”, dado que é uma palavra muito frequente e sujeita a redução fonética e apagamento na oralidade, tanto no PE como noutras variedades do português. O número total de ocorrências de “para” foi de 85, valor que não foi incluído no número total de *tokens* de róticas. Foram registadas todas as produções de alvos de /R/ e /r/ em todas as posições silábicas possíveis, de acordo com o sistema fonológicos do PE, acima descrito.



## 2.2 Descrição do perfil dos informantes

Os nove informantes são todos residentes e naturais de São Tomé e Príncipe, todos falantes do português como L1 e, na maioria dos casos, com algum conhecimento de forro (L2). Têm idades compreendidas entre os 17 e os 56 anos e são na sua maioria alfabetizados, sendo ou estudantes do ensino superior ou professores. Três são do sexo feminino e seis são do sexo masculino. Relativamente à localização geográfica, 4 deles residem na zona da Capital (Água Grande, Vila Maria, Madredeus e Água Marçal), 5 residem em zonas periféricas (Trindade, Caixão Grande e Santana), sendo que Santana é o local mais distante da capital. O resumo dos perfis dos informantes pode ser observado na tabela que se segue:

Sexo	Idade	Profissão	Localidade	Tempo transcrito (min: seg.)	Uso do Forro
Feminino	17	Estudante do ensino superior	Trindade	06:20	não
Masculino	19	Estudante do ensino superior	Vila Maria	05:30	não
Feminino	20	Trabalhadora-estudante (básico)	Santana	07:50	frequente
Masculino	22	Estudante do ensino superior	Caixão Grande	08:40	algum
Masculino	26	Professor primário	Madredeus	06:05	algum
Masculino	27	Professor primário	Trindade	06:31	algum
Feminino	33	Doméstica	Água Grande	06:00	frequente
Masculino	43	Professor universitário	Água Marçal	06:00	algum
Masculino	56	Professor primário	Caixão Grande	06:30	algum

Tabela 3. Descrição do perfil dos informantes e tempo transcrito para cada entrevista

## 3. Descrição dos Dados

Depois de contabilizados os dados manualmente, procedeu-se à construção das tabelas que se apresentam abaixo. Em cada tabela nesta secção, pode observar-se, para cada falante, o número de ocorrências de cada tipo de variante fonética de consoantes róticas (representadas em cada coluna) para cada posição silábica, em função do que seria esperado de acordo com o PE padrão. Foram encontrados comportamentos muito heterogéneos e uma variação individual assinalável, como observaremos nas tabelas 4 a 12. Para além dos apagamentos, as principais variantes fonéticas identificadas no presente estudo foram:

### (1) Variantes fonéticas de róticos no PST:

- Fricativa uvular vozeada [ʁ];<sup>8</sup>
- Vibrante múltipla alveolar vozeada [r] (*alveolar trill*);

<sup>8</sup> Em variação com a aproximante uvular vozeada que é, aparentemente, mais frequente do que a fricativa e que é representada no Alfabeto Fonético Internacional como [ʁ], com um diacrítico de abaixamento lingual, mas que, por razões de simplificação, é apresentada sem diacrítico.



- Vibrante simples alveolar vozeada [ɾ] (*alveolar flap/tap*);
- Vibrante múltipla uvular vozeada [ʀ] (*uvular trill*);
- Fricativa uvular não-vozeada [χ];
- Fricativa alveolar não-sibilante vozeada [ʒ];
- Fricativa glotal não-vozeada [h];
- Fricativa glotal vozeada [ɦ];
- Aproximante lateral alveolar vozeada [l̥] e
- Aproximante labiovelar vozeada [w].

As tabelas numeradas de 4 a 12, que se seguem, registam os dados observados por cada informante, em que AS é usado para referir “ataque simples”, AR para “ataque ramificado” e Cd para “coda”. A sombreado encontram-se as células que representam alvos cujas realizações fonéticas indicam a neutralização de /ʀ/ e /ɾ/, produções não esperadas segundo o PE padrão.

FEM17								
Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[ɾ]	[ʀ]	[χ]	[h]	Somas
/ʀ/ AS	0	8	0	0	0	0	0	8
/ɾ/ AS	0	43	0	0	0	0	0	43
/ɾ/ AR	5	37	0	0	1	2	0	45
/ɾ/ Cd	26	23	0	0	0	4	1	54
Somas	31	111	0	0	1	6	1	150
Percentagem	21%	74%	0%	0%	0%	4%	1%	
Neutralização de /ʀ/ e /ɾ/								74%

Tabela 4. Informante feminina, 17 anos, estudante. Localidade: Trindade

A informante FEM17 utiliza apenas o som [ʁ] como variante fonética de /ʀ/. Como variantes fonéticas do alvo /ɾ/, foram identificadas: em ataque simples, apenas [ʁ]; em ataque ramificado, [ʁ], [ʀ], [χ] e apagamentos; em coda, produz quer apagamentos, quer os fones [ʁ], [χ] e [h]. Para esta informante, nota-se uma predominância do uso da fricativa uvular vozeada para o alvo /ʀ/, não se tendo registado nenhuma variante fonética com o traço [+anterior] ([r] ou [ɾ]). Do total das suas produções, 74% revelaram neutralização de /ʀ/ e /ɾ/. Existe também uma percentagem considerável (21%) de apagamentos e uma ocorrência ocasional de outras consoantes posteriores, como [ʀ], [χ] e [h].





MASC19						
Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[ɾ]	[R]	Somas
/R/ AS	0	8	0	0	1	9
/ɾ/ AS	0	21	0	0	1	22
/ɾ/ AR	2	32	0	0	0	34
/ɾ/ Cd	28	30	0	1	3	62
Somas	30	91	0	1	5	127
Percentagem	24%	72%	0%	1%	4%	
Neutralização de /R/ e /ɾ/						69%

Tabela 5. Informante masculino, 19 anos, estudante. Localidade: Vila Maria

O informante MASC19 teve como variantes fonéticas para /R/ os sons [ʁ] e [R]. Para o alvo /ɾ/ em ataque simples, produz também [ʁ] e [R]; em ataque ramificado, produz principalmente [ʁ] mas também apagamentos; em coda, foram registados apagamentos e as variantes [ʁ], [R] e [r]. Observa-se uma preferência por variantes fonéticas posteriores e a quase total ausência da vibrante simples alveolar, contando apenas com uma ocorrência da mesma. Apresenta uma alta taxa de neutralização de /R/ e /ɾ/, de quase 70%.

FEM20						
Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[ɾ]	[χ]	Somas
/R/ AS	0	2	5	12	0	19
/ɾ/ AS	1	0	0	9	0	10
/ɾ/ AR	1	0	1	44	0	46
/ɾ/ Cd	66	2	20	16	1	105
Somas	68	4	26	81	1	180
Percentagem	38%	2%	14%	45%	1%	
Neutralização de /R/ e /ɾ/						20%

Tabela 6. Informante feminina, 20 anos, estudante. Localidade: Santana

A informante FEM20 teve como variantes fonéticas para /R/ os sons [r], [ɾ] e [ʁ]. Para o alvo /ɾ/ em ataque simples, produziu [r] e apagamentos; em ataque ramificado, produziu igualmente [r] e apagamentos; em coda, foram registados apagamentos e os fones [r], [ɾ], [ʁ] e [χ]. A sua taxa de neutralização de /R/ e /ɾ/ foi inferior à registada nos informantes anteriores (20%). A maior parte das variantes fonéticas presentes foram a vibrante simples alveolar e a vibrante múltipla alveolar, sendo de realçar o uso frequente desta última consoante em coda silábica. De notar, no entanto, que a percentagem de apagamentos foi maior, de 38%, nesta última posição silábica.



MASC22								
Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[r]	[R]	[χ]	[ɦ]	Somas
/R/ AS	0	18	0	0	0	0	1	19
/r/ AS	2	53	0	1	1	0	0	57
/r/ AR	2	57	0	0	2	1	0	62
/r/ Cd	25	60	0	2	2	0	0	89
Somas	29	188	0	3	5	1	1	227
Percentagem	13%	83%	0%	1%	2%	0%	0%	
Neutralização de /R/ e /r/								77%

Tabela 7. Informante masculino, 22 anos, estudante. Localidade: Caixão Grande

O informante MASC22 produziu, para o alvo /R/, as variantes fonéticas [ʁ] e [ɦ]. Para o alvo /r/ em ataque simples, foram observadas as variantes fonéticas [ʁ], [r], [R], bem como apagamentos; em ataque ramificado, foram identificados os fones [R], [ʁ] e [χ] e apagamentos; em coda, produziu as variantes [ʁ], [R], [r] e apagamentos. Neste informante, de faixa etária jovem e localização urbana, a taxa de neutralização de /R/ e /r/ foi de 77%, sendo a escolha preferencial a fricativa uvular vozeada e outras variantes posteriores, com registo de apenas 3 ocorrências de uma vibrante simples alveolar.

MASC26						
Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[r]	[ɹ]	Somas
/R/ AS	0	0	23	6	1	30
/r/ AS	0	0	1	30	0	31
/r/ AR	3	0	0	59	0	62
/r/ Cd	26	0	0	101	0	127
Somas	29	0	24	196	1	250
Percentagem	12%	0%	10%	78%	0%	
Neutralização de /R/ e /r/						2,8%

Tabela 8. Informante masculino, 26 anos, professor primário. Localidade: Madreus

Para o informante MASC26, as variantes fonéticas associadas ao alvo /R/ foram [r], [r], e [ɹ]. As variantes associadas a /r/ foram: em ataque simples, [r] e [r]; em ataque ramificado e em coda, apenas [r] e apagamentos. Neste informante, a taxa de neutralização de /R/ e /r/ foi bastante baixa (2,8%), sendo que a maioria das suas produções consistiu na vibrante simples alveolar e na vibrante múltipla alveolar, ambas variantes anteriores. Houve uma total ausência de consoantes róticas posteriores.



MASC27					
Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[ɾ]	Somas
/ʁ/ AS	0	2	2	3	7
/ɾ/ AS	1	3	1	29	34
/ɾ/ AR	7	7	0	37	51
/ɾ/ Cd	36	19	0	11	66
Somas	44	31	3	80	158
Percentagem	28%	20%	2%	51%	
Neutralização de /ʁ/ e /ɾ/					33%

Tabela 9. Informante masculino, 27 anos, professor primário. Localidade: Trindade

O informante MASC27 teve como variantes fonéticas para o alvo /ʁ/ os segmentos [ʁ], [r] e [ɾ]. Para o alvo /ɾ/, em ataque simples, produziu apagamentos e as variantes [ʁ], [r] e [ɾ]; em ataque ramificado e em coda, verificaram-se apagamentos, bem como as variantes [ʁ] e [r]. Houve produções heterogéneas, com 33% de produções não convergentes com o esperado no PE padrão. A maior parte das suas produções foram a vibrante simples alveolar e os apagamentos, incluindo vários apagamentos de /ɾ/ em ataque ramificado.

FEM33									
Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[ɾ]	[χ]	[ɹ]	[w]	[l]	Somas
/ʁ/ AS	0	2	9	3	1	2	0	0	17
/ɾ/ AS	1	18	0	16	0	0	0	0	35
/ɾ/ AR	8	9	0	21	0	0	1	0	39
/ɾ/ Cd	48	14	0	1	0	0	0	1	64
Somas	57	43	9	41	1	2	1	1	155
Percentagem	37%	28%	6%	26%	1%	1%	1%	1%	
Neutralização de /ʁ/ e /ɾ/									28%

Tabela 10. Informante feminina, 33 anos, doméstica. Localidade: Água Grande

A informante FEM33 apresentou uma variedade grande de realizações fonéticas, contando com 28% de neutralização de /ʁ/ e /ɾ/, tendo uma taxa elevada de apagamentos, incluindo de /ɾ/ em ataque ramificado, e um número similar de ocorrências de variantes róticas posteriores e anteriores para os alvos /ʁ/ e /ɾ/. As variantes [w] e [l] foram singulares e apenas com uma ocorrência cada uma.



MASC43						
Alvos	[Ø]	[ɣ]	[r]	[r]	[l]	Somas
/R/ AS	0	0	3	0	0	3
/t/ AS	0	0	0	36	1	37
/t/ AR	0	0	0	48	0	48
/t/ Cd	8	1	0	44	0	53
Somas	8	1	3	128		140
Porcentagem	6%	1%	2%	91%		
Neutralização de /R/ e /t/						0,7%

Tabela 11. Informante masculino, 43 anos, professor do ensino superior. Localidade: Água Marçal

O informante MASC43, para o alvo /R/, teve como variante fonética apenas o som [r] (vibrante múltipla alveolar). Para o alvo /t/ em ataque simples, foram registadas as variantes fonéticas [r] e [l]; em ataque ramificado, ocorreu apenas [r]; em coda, observou-se uma ocorrência de [ɣ], alguns apagamentos, mas principalmente [r]. A maior parte das suas realizações de [r] foram sempre concordantes com o alvo no PE, tendo-se registado apenas uma ocorrência de uma variante posterior. A sua taxa de apagamentos também foi muito baixa e sempre através da supressão de /t/ em coda silábica.

MASC56						
Alvos	[Ø]	[ɣ]	[r]	[r]	Somas	
/R/ AS	0	0	4	0	4	
/t/ AS	1	0	0	43	42	
/t/ AR	2	0	0	36	35	
/t/ Cd	22	0	0	32	54	
Somas	25	0	4	111	140	
Porcentagem	18%	0%	3%	79%		
Neutralização de /R/ e /t/						0%

Tabela 12. Informante masculino, 56 anos, professor primário. Localidade: Caixão Grande

O informante MASC56, para o alvo /R/, produziu como variante fonética apenas o som [r]. Para o alvo /t/ em ataque simples, registou-se a variante fonética [r] e uma instância de apagamento; em ataque ramificado e em coda, observou-se apenas [r] e apagamentos. Este informante destaca-se de todos os anteriores por ser o único que não apresenta ocorrência de róticos posteriores, nomeadamente da fricativa uvular sonora. Em vez do /R/ do PE padrão, utilizou sempre a variante apicoalveolar [r], não se tendo registado produções com neutralização de /R/ e /t/.

As Tabelas 13 a 15, apresentadas a seguir, sintetizam, para todos os informantes, os resultados descritos individualmente nas Tabelas 4 a 12. Na Tabela 13, apresenta-se a soma de todas as combinações possíveis e



encontradas para os informantes analisados, registando-se tanto os valores percentuais como os valores absolutos, apresentados entre parênteses; a Tabela 14 apresenta as percentagens agrupadas por tipologia de produção; por fim, a Tabela 15 apresenta o resumo das percentagens de apagamentos e de neutralização de /r/ e /r/ por cada falante analisado.

Totais												
Alvos	[Ø]	[ʁ]	[r]	[ɾ]	[R]	[χ]	[ɹ]	[h]	[ɦ]	[w]	[l]	Somas
/r/ AS	0% (0)	2% (40)	3% (46)	2% (24)	0% (1)	0% (0)	0% (3)	0% (0)	0% (0)	0% (0)	0% (0)	7% (114)
/r/ AS	1% (6)	9% (138)	0% (2)	11% (164)	0% (1)	0% (0)	0% (0)	0% (0)	0% (1)	0% (0)	0% (1)	21% (313)
/r/ AR	1% (30)	10% (142)	0% (1)	16% (245)	0% (3)	0% (3)	0% (0)	0% (0)	0% (0)	0% (1)	0% (0)	28% (425)
/r/ Cd	19% (285)	9% (149)	1% (20)	13% (208)	0% (5)	0% (5)	0% (0)	0% (1)	0% (0)	0% (0)	0% (1)	43% (674)
Somas	22% (321)	30% (469)	4,4% (69)	42% (641)	0,7% (10)	0,4% (8)	0,1% (3)	0% (1)	0% (1)	0% (1)	0% (2)	100% (1526) <sup>9</sup>
Neutralização de /r/ e /r/												32,4%

Tabela 13. Somas de todas as combinatórias possíveis encontradas para todos os falantes analisados, em percentagem e em valor absoluto

Observando o conjunto dos resultados, na Tabela 13, constata-se que o alofone de /r/ mais frequente foi a fricativa uvular vozeada [ʁ], com 31% de ocorrências – muito frequente em falantes com a neutralização entre /r/ e /r/; seguem-se as variantes [r], [ɾ], e, finalmente, outras variantes pouco frequentes. Também como alofone de /r/ ocorreu a vibrante múltipla apicoalveolar [r], presente em variedades não padrão do PE. Para o alvo /r/ em ataque simples, o alofone mais comum foi a vibrante simples alveolar vozeada [r], com 42% de ocorrências, seguida do fone [ʁ], com 31% de ocorrências, tendo-se registado alguns apagamentos, e, finalmente, outras variantes pouco frequentes, como [r] e [R], por exemplo. Para o alvo /r/ em ataque ramificado, a distribuição de alofones foi idêntica, embora com uma taxa de apagamentos mais elevada. Pelo contrário, para /r/ em coda, os apagamentos foram a realização fonética mais frequente, tendo constituído 21% das ocorrências no *corpus*, seguindo-se as variantes [r], [ʁ] e [ɾ], entre outras com uma frequência ocasional. Outros alofones, em variação livre, como, por exemplo, [ɹ], [h], [ɦ], [w] e [l], tiveram taxas de ocorrência com percentagens muito baixas e nunca representaram o padrão de realizações mais frequentes em nenhum dos falantes analisados.

Em suma, os alofones mais frequentes para o alvo /r/ foram [r] e [ʁ]; para o alvo /r/ em ataque simples e ramificado, foram mais frequentes os sons [r] e [ʁ]; para o /r/ em coda, as produções mais frequentes corresponderam a apagamentos, seguindo-se os alofones [r] e [ʁ].

Na Tabela 14 abaixo, encontra-se a tipologia de produções encontradas, calculada para o total de todos os falantes, observando-se as produções de consoantes róticas cujas variantes são esperadas no PE, a taxa de neutralização de /r/ e /r/, e a taxa de apagamentos.

<sup>9</sup> Para fins comparativos face ao número total de róticos amostrados, e dado que tal valor não está registado na tabela, o número de ocorrências da preposição “para”, a qual foi excluída dos cálculos, foi de 5,2% (85 ocorrências).



Produções fonéticas semelhantes às esperadas no PE	46%
Neutralização de /r/ e /r̥/	32%
Apagamentos	21%

Tabela 14. Tipologia de produções encontradas relativamente aos róticos no PST

Na Tabela 15, abaixo, encontra-se um resumo da taxa de apagamentos e de neutralização de /r/ e /r̥/ para cada falante, individualmente.

	Apagamentos	Neutralização de /r/ e /r̥/
FEM17	21%	74%
MASC19	24%	69%
FEM20	38%	20%
MASC22	13%	77%
MASC26	12%	2,8%
MASC27	28%	33%
FEM33	37%	28%
MASC43	6%	0,7%
MASC56	18%	0%
Média total	21%	32,4%

Tabela 15. Resumo das taxas de apagamento e de neutralização de /r/ e /r̥/ para cada falante

Realce-se a amplitude dos valores registados para a neutralização (entre 0% e 77%), bastante superior à observada nos apagamentos (entre 12 e 38%).

#### 4. Discussão dos resultados

Os resultados registados nas Tabelas 4 a 12 revelam uma variação individual acentuada. Fatores de natureza sociolinguística podem estar na base desta variação. Variáveis como *faixa etária*, *escolaridade* e *perfil linguístico* dos falantes (uso ou não do forro) poderão estar na base de algumas tendências nos comportamentos observados em termos (i) das variantes alofónicas usadas para os alvos /r/ e /r̥/, (ii) da preferência pela neutralização entre /r/ e /r̥/ e (iii) do recurso ao apagamento, embora tenham sido identificados alguns comportamentos não esperados de acordo com as generalizações formuladas em função destas variáveis sociolinguísticas.

Os falantes da faixa etária mais baixa (cf. informantes FEM17, MASC19, MASC22) apresentaram maioritariamente produções de variantes posteriores (em particular, a fricativa uvular sonora), tanto para os segmentos /r/ como para /r̥/, sendo a taxa de neutralização dos dois fonemas igual ou superior a 70%. A informante FEM20, apesar de pertencer a uma faixa etária jovem, apresentou poucas ocorrências de variantes róticas posteriores, mas uma taxa de neutralização de /r/ e /r̥/ (20%), com alternância não distintiva entre [r] e [r̥] e com preferência por variantes anteriores; este valor está abaixo do registado em Bouchard (2017) para esta faixa etária (51,4%). Este comportamento pode dever-se à proveniência geográfica da informante, que é de uma zona não urbana, contrariamente aos outros três falantes nesta faixa etária, embora o nosso *corpus* não



permita uma reflexão sobre o impacto da localização geográfica, uma vez que os falantes são essencialmente de zonas urbanas. Um comportamento misto foi encontrado nos falantes MASC27 e FEM33, de uma faixa etária intermédia, que são de áreas urbanas e falantes ocasionais do forro, e que tiveram uma taxa de neutralização de /r/ e /r/ de 33% e de 28%, respetivamente. Demonstraram uma variação substancial em termos de uso de alofones róticos, sendo o [r] o alofone mais frequente para o informante MASC27 e o segundo mais frequente para a informante FEM33. O terceiro tipo de comportamento distinto foi encontrado na faixa etária mais alta (MASC43 e MASC56) e no informante MASC26 (da faixa etária intermédia), que constitui uma exceção não explicável em função da variável *faixa etária*. Estes indivíduos não apresentaram praticamente alofones posteriores (e.g. fricativas uvulares) e recorreram sempre a [r] e [r], ainda que, por vezes, sem contraste, neles se tendo observado uma taxa de neutralização de /r/ e /r/ muito baixa, entre 0% e 2,8%.

A taxa global de neutralização de /r/ e /r/ foi de 32,4%, porém com uma amplitude elevada (entre 0% e 77%), tendencialmente associada à variável *faixa etária*, estando as taxas de neutralização mais elevadas associadas à faixa etária mais baixa, com predomínio da fricativa uvular sonora. Os nossos dados contrastam com os de Brandão (2016) e Brandão *et al.* (no prelo), nos quais a escolha maioritária não recaiu sobre a fricativa uvular sonora, mas sim sobre a vibrante simples alveolar [r], que ocorre nos dados da autora em início de palavra, e que, por isso, revela também um elevado grau de neutralização entre /r/ e /r/ nos falantes do PST. É de ressaltar, no entanto, que os informantes de Brandão, apesar de integrarem o mesmo *corpus* que os do nosso estudo, são praticamente todos de gerações mais velhas, o que poderá explicar a discrepância nos dados de ambos os estudos. Os nossos dados vão, antes, ao encontro do estudo de Bouchard (2017), que revela taxas de neutralização de /r/ e /r/ nas gerações mais novas, também com preferência pela fricativa uvular sonora. Três dos falantes analisados abaixo dos 29 anos têm taxas de neutralização elevadas, tendo os falantes FEM20 e MASC27 apresentado uma taxa inferior à apresentada por Bouchard (o falante MASC26 constitui uma exceção nos nossos dados, tendo um comportamento a par do das gerações acima dos 40 anos). Nos nossos falantes acima dos 40 anos, a taxa de neutralização de /r/ e /r/ (0% a 0,7%) foi inferior à de Bouchard (2017) (18,5% dos 40-49 anos e 5,9% acima dos 50 anos).

Brandão (2016) e Brandão *et al.* (no prelo) apontam para uma possível influência do forro nas produções dos falantes do PST de faixas etárias mais altas, os quais são falantes usuais do forro e, nos seus estudos, apresentam baixa convergência com as normas de distribuição dos fonemas róticos no PE. Isto dever-se-ia ao facto de o forro não possuir fonemas róticos e a uma aquisição defetiva das normas do PE por influência do forro. No entanto, no presente estudo são exatamente os falantes mais velhos que se aproximam das normas do PE. Estes resultados não vão ao encontro dos de Brandão (2016) e Brandão *et al.* (no prelo), embora tanto os informantes do nosso estudo como os de Brandão sejam falantes do forro; este perfil linguístico não permite, assim, ser evocado para dar conta do uso ou não de neutralização nos informantes de faixas etárias mais altas. Por outro lado, os falantes mais novos têm taxas de neutralização mais elevadas com a escolha de uma variante posterior, o que não pode ser explicado pela influência do forro, já que esta língua não é falada por estas gerações mais novas.

Como referido, e com base no nosso estudo e no de Bouchard (2017), a neutralização de /r/ e /r/ - a fortificação e neutralização dos dois fonemas róticos /r/ e /r/ em [ʀ] - ocorre principalmente nas camadas mais jovens da população, principalmente abaixo dos 30 anos de idade, mas registando-se também, embora de forma esporádica, em falantes mais velhos. Nos falantes de uma faixa etária intermédia, entre os 25 e os 35, aproximadamente, não se observa a distinção entre os dois fonemas, sendo que todas as variantes róticas, anteriores ou posteriores, isto é [r], [r], [ʀ], [ʀ], tendem a ocorrer indiscriminadamente e independentemente do contexto. Estes dados permitem apoiar a hipótese de Brandão (2016) e Brandão *et al.* (no prelo), segundo a qual a oposição fonológica entre /r/ e /r/ no PST terá desaparecido. Mais ainda, o uso preferencial de [ʀ] na neutralização nas faixas etárias mais jovens aponta para a hipótese da não marcação da vibrante múltipla



fonológica apresentada em Bonet & Mascarò (1996), dada a escolha preferencial dos falantes destas faixas etárias pela variante alofónica [ʁ], associada a /r/ no PE.

Como referido anteriormente, no português de Moçambique, há indícios de uma mudança em curso a favor da neutralização das vibrantes correspondentes ao /r/ e /r/ do PE, com a generalização de [r] a todos os contextos, fenómeno observado em falantes de português L2 com menos de 35 anos e na classe dos verbos em detrimento dos nomes (Brandão & Paula, 2017). Esta tendência das consoantes róticas no PST e no português de Moçambique, nas gerações mais jovens e cujos pais tiveram ou têm o português como L2, mostra que o PST parece optar apenas por [ʁ] (presente estudo) e o português de Moçambique por [r] (Brandão & Paula, 2017). Dados de neutralização de variantes do português em África parecem apontar, assim, para uma mudança a favor da perda de oposição fonológica entre /r/ e /r/ mas com diferentes estratégias, cuja análise comparada exige mais dados empíricos e maior controlo sociolinguístico das amostras.

Outro dos aspetos referidos na literatura sobre o PST é a elevada taxa de apagamentos na oralidade (Brandão, 2016; Bouchard, 2017). No presente trabalho, foram contabilizados todos os apagamentos dos segmentos sob avaliação, independentemente de estes ocorrerem ou não no PE. Os falantes da faixa etária mais baixa foram os que apresentaram as taxas de apagamento mais altas. A informante FEM20 teve a taxa mais elevada de apagamentos (38%), principalmente em coda, o que se pode correlacionar com o facto de ser uma falante usual do forro, língua que apresenta uma estrutura silábica aberta. Os apagamentos foram de 21% para a informante FEM17, estando esta taxa de acordo com as registadas em Bouchard (2017). Um comportamento misto foi encontrado nos falantes MASC27 e FEM33, de áreas urbanas e falantes ocasionais do forro, que tiveram uma taxa de apagamentos de 28% e 37%, respetivamente. As taxas de apagamento de MASC43 (6%) e de MASC56 (18%) foram mais baixas do que as dos restantes informantes. Este comportamento pode dever-se ao facto de serem falantes mais velhos, com elevado grau de instrução (todos professores com o ensino superior), logo mais conservadores e com maior consciência fonológica.

A taxa global de apagamentos identificada no nosso *corpus* (21%) é igual à identificada em Bouchard (2017). No caso específico dos apagamentos em coda, a taxa identificada no nosso *corpus* foi de 19%, o que não vai ao encontro dos dados de Bouchard (2017), que refere 79% de apagamentos de -r em coda; o nosso valor contrasta também com os de Mateus & Rodrigues (2005) para o PE (13%) e de Brandão, Mota & Cunha (2003) (PE: 26%; PB: 78%).

A realização dos róticos no PST mostra que a variável *faixa etária* se sobrepõe, em geral, a outras variáveis, nomeadamente à variável *escolarização*, que é normalmente apontada como a principal variável na convergência com a norma do PE, ou seja, mais escolarização parece ter alguma influência nos falantes mais velhos e que utilizam o forro, mas não nas outras faixas etárias, as quais, apesar de escolarizadas, não apresentam o mesmo comportamento (cf. informantes FEM17, MASC19, MASC22, MASC27). O estudo de Gonçalves (2016), por exemplo, mostra que esta correlação existe no domínio das construções ditransitivas do PST: quanto mais escolarizado for o informante, maior é a probabilidade de produzir dativos canónicos com 'a' (a norma do PE); quanto menos escolarizado, maior a tendência para produzir construções não canónicas, em particular construções de duplo objeto. Os resultados do presente trabalho, e dos outros estudos sobre róticos no PST, vêm, no entanto, questionar a hegemonia da variável *escolarização* no comportamento fonético-fonológico dos falantes. Não será irrelevante que a proeminência dessa variável para o português em África resulte essencialmente de estudos sintáticos e morfossintáticos. Face ao enorme défice de estudos na área da variação fonética, ainda é cedo para compreender qual é ou quais são as variáveis que contribuem para esta variação e até que ponto há convergência ou divergência entre subáreas da gramática nas novas variedades.





## 5. Conclusões

Neste estudo avaliámos as variantes fonéticas no português de São Tomé associadas aos fonemas /ʀ/ e /ɾ/ do PE com o objetivo de perceber se a variação registada se poderia correlacionar com variáveis sociolinguísticas, nomeadamente, a *faixa etária*, a *escolaridade* e o *perfil linguístico* dos falantes (uso ou não do forro). O nosso *corpus* foi constituído por 9 informantes, entre os 17 e os 56 anos, incluindo cerca de uma hora de produções espontâneas transcritas foneticamente.

Conclui-se que no PST parece estar a ocorrer uma mudança nas faixas etárias mais jovens (abaixo dos 30 anos), com a neutralização dos dois fonemas /ʀ/ e /ɾ/ e a escolha por uma variante fonética posterior (maioritariamente a fricativa uvular sonora [ʁ]); esta neutralização, vai ao encontro do que está descrito na literatura até ao momento, reforçando os nossos dados a robustez de [ʁ] como variante preferencial nas faixas etárias mais jovens. Um comportamento misto foi encontrado em faixas etárias intermédias, em que existe uma variação substancial a nível fonético, a qual demonstra, ainda assim, a neutralização dos dois fonemas róticos do PE, mas sem a escolha maioritária por um único segmento. A faixa etária acima dos 40 anos apresenta um comportamento distinto, mais próximo do esperado no PE. Estes dados podem ser interpretados como o produto de mudança linguística em curso, a ser testada numa amostra mais alargada. Registou-se, ainda, uma tendência para o apagamento de róticas, principalmente em coda, em valores superiores aos registados para o PE.

Em suma, a variável sociolinguística mais produtiva na avaliação do uso das róticas em PST foi, no presente estudo, a *faixa etária*. A variável *escolarização*, contrariamente ao predito em função de estudos prévios sobre estruturas sintáticas e morfossintáticas, não permitiu dar conta da variação no *corpus* observado; a mesma tendência foi identificada para a variável *perfil linguístico*, nomeadamente no que diz respeito ao uso ou não do forro como forma de explicar a variação encontrada no PST. Dada a dimensão reduzida da amostra, o presente estudo limita-se a registar tendências dos falantes observados, a serem testadas noutros estudos que explorem uma amostra mais alargada, com um controlo mais detalhado das variáveis sociolinguísticas selecionadas.

## Referências

- Araújo, Gabriel (2007) Empréstimos recentes do português, variação fonética e a sílaba na língua sãotomense da ilha de São Tomé. *Papia* 17(1), pp. 55-66
- Barbosa, J. M. (1983) *Études de phonologie portugaise*. 2ª ed. Universidade de Évora, Divisão de Línguas e Literatura.
- Bonet, Eulàlia & Joan Mascaró (1997) On the representation of contrasting rhotics. In F. Martínez-Gil & A. Morales-Front (eds) *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*, Washington: Georgetown University Press, pp. 103-126.
- Bouchard, Marie-Eve (2017) *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. Dissertação de doutoramento, New York University.
- Bouchard, Marie-Eve (2016) Language ideologies and use of rhotics in the Portuguese of São Tomé. Encontro Anual da ACBLPE. *Caderno de Resumos*. Praia: Universidade de Cabo Verde, 23-25 de junho, p. 18.
- Brandão, Sílvia, Mota, Maria Antónia & Cunha, Cláudia de Souza (2003) Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o -R final de vocábulo. In Sílvia Brandão & Maria Antónia Mota (orgs.) *Análise contrastiva de variedades do Português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, pp. 163-180.



- Brandão, Silvia & Alessandra de Paula (2017) *Róticos no Português de Moçambique*. Póster apresentado no XXXIII Encontro da APL, Évora.
- Brandão, Silvia (2016) Aspectos da variedade urbana do Português de São Tomé: Resultados e metas de pesquisa. In Vanderci Aguilera & Maranúbia Doiron (orgs.) *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. Cascavel: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, pp. 67-87.
- Brandão, S. F.; Pessanha, D. B.; Pontes, S. P. & Correa, M. O. (no prelo) Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia*, 27(2), pp. 191-213, Jul/Dez 2017.
- Callou, D., Yvonne L. & Moraes, J. A. (2002) Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In Maria Bernadete M. Abaurre & Angela C. S. Rodrigues (orgs.) *Gramática do Português Falado, vol. VIII: Novos estudos descritivos*. Campinas: Editora Unicamp, pp. 537-555.
- Costa, Teresa da (2010) *The Acquisition of the Consonantal System in European Portuguese: Focus on Place and Manner Features*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Christofoletti, Alfredo (2013) *Ditongos no Português de São Tomé e Príncipe*. Dissertação de mestrado: USP.
- Clements, Joseph Clancy (2014) The status of Portuguese/Spanish /r/ e /r/ in some Iberian-based creole languages. *Papia*, 24(2), pp. 343-356.
- Ferraz, Luiz Ivens (1979) *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Gonçalves, Rita & Tjerk Hagemeyer (2015) O português num contexto multilingue: O caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane: Série Letras e Ciências Sociais*, 1(1), pp. 87-107.
- Hagemeyer, Tjerk (no prelo) From creoles to Portuguese: Language shift in São Tomé and Príncipe. In Laura Álvarez López, Perpétua Gonçalves & Juanito Avelar (eds.) *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- Hagemeyer, Tjerk, Gonçalves, Rita & Afonso, Beatriz (no prelo) Línguas e políticas linguísticas em São Tomé e Príncipe. In Paulo Feytor Pinto & Sílvia Melo-Pfeifer (eds.) *Línguas e políticas linguísticas em português*. Lisboa: LIDEL.
- Ladefoged, Peter & Ian Maddieson (1996) Rhotics. In Peter Ladefoged & Ian Maddieson (eds.) *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, pp. 215-245.
- Lucchesi, Dante; Baxter, Alan & Ribeiro, Ilza (orgs.) (2009) *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA.
- Mateus, Maria Helena *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mateus, Maria Helena & d'Andrade, Ernesto (2000) *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mateus, Maria Helena Mira & Rodrigues, Celeste (2005) A vibrante em coda no Português Europeu. In Maria Helena Mira Mateus e Fernanda Bacelar do Nascimento (orgs.) *A Língua Portuguesa em Mudança*. Editora Caminho, pp. 95-103.
- Miranda, Ana Ruth (1996) *A aquisição do "r": Uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre: PUCRS.
- Noll, Volker (2008) *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo.
- Rennicke, Iris & Pedro Tiago Martins (2012) As realizações fonéticas de /R/ em Português Europeu: Análise um corpus dialetal e implicações no sistema fonológico. In Fátima Silva, Isabel Falé & Isabel Pereira (orgs.) *Textos selecionados do XXVIII Encontro Nacional da APL*. Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 509-523.
- Rennicke, Iris (2015) *Variation and change in the rhotics of Brazilian Portuguese*. Dissertação de doutoramento, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- RGPH (2014) *III Recenseamento Geral da População e da Habitação 2012. Características educacionais da população* – Instituto Nacional de Estatística. São Tomé e Príncipe.



- Rocha, Fabiane (2018) *O sistema vocálico do português de São Tomé e o comportamento das vogais médias e, contexto pretônico*. Tese de doutoramento: UFRJ.
- Rodrigues, Celeste (2012) Todas as Cudas são frágeis em Português Europeu?. *Linguística*, 8(1), pp. 138-149.
- Rodrigues, Susana (2015) *Caracterização acústica das consoantes líquidas do Português Europeu*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa
- Teyssier, Paul (1984) *História da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa.

